

Ponto de VISTA

BANCO CENTRAL
e os juros que **só beneficiam o**
MERCADO FINANCEIRO



DEPUTADO ESTADUAL

Pepe Vargas

TRABALHO E SERIEDADE



TAXA DE JUROS E O CRESCIMENTO ECONÔMICO

Apresentação

O primeiro boletim Ponto de Vista de 2023 têm como objetivo o debate em curso sobre a conjuntura econômica brasileira, pautado pelo governo Lula e por economistas de diversas correntes, de crítica à política monetária de juros altos operada pelo Banco Central, que submete a economia nacional a um processo de estrangulamento, beneficia os rentistas e onera enormemente o equilíbrio fiscal e a dívida pública.

As citações de Joseph Stiglitz, Jeffrey Sachs e Jayati Ghosh, economistas considerados personalidades intelectuais internacionais, bem como de Josué Gomes, presidente da Fiesp, foram extraídas de suas palestras e entrevistas proferidas no marco do Seminário “Estratégias de Desenvolvimento Sustentável para o Século XXI”, promovido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), realizado nos dias 20 e 21 de março.

Além disso, as citações de Lula, Bresser Pereira, Márcio Pochmann, André Lara Rezende e Gleise Hoffman, foram obtidos em matérias da imprensa nacional.

Juros altos, baixo crescimento econômico

O Brasil é a nação com a maior taxa de juro real do mundo, à frente de outros 156 países. Por isso, a crítica e o desabafo do presidente Lula a política de juros altos do Banco Central têm o apoio de 76% da população, segundo pesquisa Quaest: *“Não é possível que a gente queira que esse país volte a crescer com uma taxa de juros de 13,75%”*.

A falha na condução da política monetária pelo Banco Central é evidente. Apesar dos juros básicos estarem em patamares estratosféricos, a inflação está fora do centro da meta há dois anos (o que também demonstra o irrealismo do Conselho Monetário Nacional na definição das metas de inflação). Mas o mais incrível é que a inflação brasileira, que estava em 10,5% em fevereiro de 2022, agora, fevereiro de 2023, caiu quase pela metade, para 5,6%, a maior queda de inflação dos países do G20 (as 20 maiores economias do mundo), e mesmo assim o Banco Central não sinalizou baixar a taxa Selic. Inúmeros economistas apontam que uma taxa de juro real de 7%, como ocorre atualmente, estrangula a economia nacional. Segundo o ex-ministro Luiz Carlos Bresser-Pereira, isso é um absurdo, *“não só porque impede qualquer crescimento econômico, como isso também aumenta o déficit fiscal”*.

O economista Márcio Pochmann alerta que **a cada aumento de 1 ponto percentual na taxa básica de juros, a dívida líquida do setor público cresce R\$ 38 bilhões. Como a taxa Selic aumentou 11,75 pontos entre agosto de 2020 (2%) e dezembro do ano passado (13,75%), o impacto na dívida do setor público foi de R\$ 446,5 bilhões.**

Em recente artigo no jornal Valor Econômico, o economista André Lara Resende, que coordena a comissão de estudos estratégicos do BNDES, demonstra que ao retirar dinheiro essencial para investimentos sociais e para a expansão da capacidade produtiva do país, o Banco Central privilegia o rentismo, formado pelos ricos que detém títulos da dívida pública. Com juros altos, sobem os lucros dos rentistas, em uma interminável ciranda financeira que cresce às custas da miséria dos mais vulneráveis, que penam diante dos baixos investimentos. “A PEC da Transição autorizou despesas em torno de 2% do PIB.

A inflação não acontece por consumo elevado

A alta da taxa básica de juros, promovida por canetadas do BC desde o início de 2021, custou quase o dobro desses 2% do PIB, só em 2022”. Isso não faz sentido, afirma Lara Resende.

Sob a direção do **bolsonarista Roberto Campos Neto**, o BC tem usado como justificativa para manter a Selic nas alturas a necessidade de o país conter a inflação.

O problema é que o Brasil hoje não possui uma inflação de demanda, uma vez que o consumo é pífio, em função, justamente, do crédito caro. Concordando com as críticas de Lula em defesa de juros mais baixos, o Nobel de economia, Joseph Stiglitz, lembra que a alta no custo de vida que aflige o mundo hoje é provocada principalmente por restrição da oferta, causada pelas consequências da pandemia e da guerra na Ucrânia. Stiglitz ainda afirma que metas de inflação – outra questão central no debate econômico brasileiro – não têm base alguma na teoria econômica ou na experiência, e que não tem sentido o Brasil perseguir uma meta de inflação de 3%, típica de países ricos e desenvolvidos.

O economista avalia que a manutenção da Selic em 13,75% ao ano é contraproducente e se tornou um problema grave para a economia brasileira. “A taxa de juros de vocês é de fato chocante”, afirmou.

Stiglitz comparou os efeitos dos juros no Brasil a uma pena capital. *“É o tipo de taxa de juros que vai matar qualquer economia. É impressionante que o Brasil tenha sobrevivido a isso, que equivale a uma pena de morte”*. E segundo ele, a sobrevivência da economia se deve, em grande parte, à existência do BNDES, que oferece fundos a empresas produtivas para investimentos de longo prazo com juros menores.

Na mesma linha, o presidente da FIESP, o empresário Josué Gomes, avalia que a atual taxa da Selic é uma amarra insustentável para a política de desenvolvimento industrial do país. *“Se não baixarmos os juros, não vai adiantar fazer política industrial”*, advertiu. Jeffrey Sachs, o célebre professor da Universidade Columbia e Diretor do Centro Desenvolvimento Sustentável, reforça o coro pela redução dos juros no Brasil. O economista afirma que o país sofre com taxas altíssimas, que não podem ser justificadas pela situação fiscal.

Além disso, defende que não é o momento de austeridade fiscal, mas sim de ampliar investimentos, especialmente os públicos, para que a economia brasileira saia da situação de baixo crescimento dos últimos anos. *“O Brasil é punido por taxas de juros altíssimas, por políticas de juros altos do Banco Central, que acho muito difícil de explicar. [...] A situação fiscal do Brasil é totalmente distorcida através de juros extraordinariamente altos”*. Sachs afirma que o nível de endividamento líquido brasileiro – em torno de 60% do PIB – está abaixo da média dos países do G7 (sete grandes economias do mundo, exceto a China), e está concentrada no mercado interno. Além disso, o país tem endividamento público baixo e o déficit primário (sem considerar o pagamento dos juros da dívida) também é menor do que o dos integrantes do G7. Para Sachs, esse patamar elevado de juros prejudica o nível de investimentos no país, especialmente os públicos, sendo um dos fatores responsáveis pelo problema crônico de baixo crescimento econômico do Brasil.

Já a Doutora pela Universidade de Massachusetts, Jayati Ghosh, pergunta: *“Por que querem fazer isso com vocês mesmos?”*

A economista indiana explica que juros altos obedecem a uma questão essencialmente política, o que fica claro pela obsessão com o superávit. *“Isso não tem base econômica, beira o masoquismo. O débito público brasileiro está sob controle. Então faria muito mais sentido expandir o PIB do que implantar essa austeridade fiscal”*.

Segundo Jayati Gosh, *“precisamos pôr em prática a economia que queremos, capaz de conferir prosperidade e satisfazer objetivos sociais e de sustentabilidade com o planeta. E para isso, vocês precisam de muito mais investimentos públicos para a geração de renda, criação de empregos, redução de desigualdades e geração de novos negócios”*.

A política equivocada do BC

Assim, a equivocada política do Banco Central compromete a atividade econômica no Brasil, com graves consequências para a reconstrução do país, a produção e a geração de emprego e renda. Dados recentes do próprio BC mostram que a taxa média de juros cobrados pelos bancos de pessoas físicas e empresas subiu para 43,5% ao ano, e que a taxa de juros cobrada em operações com cartão de crédito rotativo chegou a indecentes 411%. Com quase 40% da população economicamente ativa negativada – 70 milhões de pessoas estão sem acesso – uma redução da taxa de juros estabelecida pelo BC torna-se um imperativo no debate econômico proposto pelo presidente Lula. Dados recentes mostram que no último trimestre de 2022, a economia brasileira teve uma forte desaceleração, efeito direto das altas taxas de juros. Assim, está correta a presidenta do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann, que reforça a crítica de Lula ao Banco Central, salientando que *“a política monetária de Bolsonaro, Guedes e BC foi derrotada nas eleições, porque fez o país andar para trás”*.



Assembleia Legislativa

Estado do Rio Grande do Sul

DEPUTADO ESTADUAL

Pepe Vargas

TRABALHO E SERIEDADE